



KnoWhy #676

junho 23, 2023



Por que Jesus foi julgado e crucificado?

“E logo ao amanhecer os principais dos sacerdotes, com os anciãos, e os escribas, e todo o Sinédrio, tiveram conselho; e amarrando Jesus, o levaram e entregaram a Pilatos.”

Marcos 15:1

O conhecimento

Depois que Jesus sofreu pelos pecados do mundo no Getsêmani, "eis que chegou Judas, um dos doze, e com ele uma grande multidão com espadas e varapaus, enviada pelos principais dos sacerdotes e pelos anciãos do povo" (Mateus 26:47). Ao submeter-se voluntariamente a essas pessoas, Jesus suportou vários julgamentos perturbadores e precipitados. Isso inclui Suas acusações perante o Sinédrio, Pilatos e Herodes.

Não está totalmente claro no registro das escrituras qual foi o raciocínio exato que O levou a esses procedimentos judiciais. Como observou John W. Welch, "a gente se depara diretamente com vários

problemas obstinados" ao tentar averiguar as motivações por trás das ações dos principais sacerdotes e outros atores-chave nessas atividades.¹ Por exemplo, Mateus e Marcos afirmam que o Sinédrio entregou Jesus a Pilatos "por inveja" (ver Marcos 15:10; Mateus 27:18), que Pilatos interpretou mal por alguma motivação mesquinha. Entretanto, mesmo sentimentos de inveja não descrevem adequadamente as reações mostradas pelo Sinédrio no julgamento de Jesus.²

Portanto, Welch concluiu que o medo era provavelmente um importante fator impulsor, "particularmente o medo dos poderes milagrosos de

Jesus". Em particular, o medo do oculto parece ter seguido de perto muitos dos milagres que Jesus realizou, já que os fariseus infelizmente entenderam mal a fonte dos poderes divinos de Jesus.³ Isso ajuda a explicar por que durante todo o ministério de Jesus, seus milagres inspiradores de fé foram quase sempre seguidos por uma forte reação dos fariseus, que o acusaram de usar os poderes de Belzebu e que repetidamente tentaram tirar Sua vida (ver Mateus 12:24-28). Assim, como Welch observou, "por trás de tudo isso, há uma forte corrente de medo equivocado de que Jesus fosse um mago maligno".⁴

Notavelmente, tanto a Bíblia quanto o Livro de Mórmon estabelecem uma ligação entre os milagres de Jesus e Seus julgamentos. João escreveu que, antes de decidirem matar Jesus, os principais sacerdotes e fariseus perguntaram: "Que faremos? porque este homem faz muitos sinais" (João 11:47-53). Da mesma forma, tanto Jacó quanto o rei Benjamim relacionaram a realização de "grandes milagres" por Jesus à Sua morte nas mãos de homens ímpios (2 Néfi 10:4-5; Mosias 3:5, 9).

Como parte desses julgamentos motivados pelo medo, várias acusações foram feitas contra Jesus em um esforço para impor punição romana. Isso incluía acusações como blasfêmia e muitas vezes dependiam de falsas testemunhas ou interpretações distorcidas da lei. Várias dessas acusações dizem respeito aos ensinamentos e atividades de Cristo relacionados ao templo (ver Mateus 26:59-66). Ainda assim, o tema predominante entre essas acusações são os milagres de Jesus, e não quaisquer doutrinas que Ele ensinou.

Após os julgamentos, "os principais dos sacerdotes, com os anciãos, e os escribas, e todo o Sinédrio, tiveram conselho; e amarrando Jesus, o levaram e entregaram a Pilatos" (Marcos 15:1) com a intenção de que "ele pudesse encontrar Jesus igualmente culpado sob a lei romana de sedição (*crimen maiestatus*) por meio de milagres mágicos ilícitos (*maleficum*)".⁵

Como Welch aponta, a suposta prática de magia era "um crime sob a lei romana no tempo de Jesus, especialmente quando ameaçava de alguma forma a segurança do imperador".⁶ Por esta razão, os sumos sacerdotes disseram que Jesus "fala contra César", além de outras acusações de traição (João 19:12; cf. Lucas 23:2). Essas formas proibidas de profecia e realização de milagres "havia recentemente se tornado punível

com a morte" por um decreto de Augusto César em 11 d.C., impedindo qualquer um de falar contra, profetizar ou realizar qualquer ato ritual contra o imperador.⁷ Pilatos, obviamente, não considerou Jesus culpado de tal acusação, mas os príncipes dos sacerdotes ainda pressionaram pela execução de Jesus, pois a falsa profecia e a realização de milagres eram igualmente proibidas pela lei judaica.

Claramente, o medo dos milagres de Jesus não terminou com a Sua crucificação. Preocupados com a possibilidade de Jesus "de alguma forma parecer ressuscitado após três dias, conforme profetizado", os fariseus colocaram um guarda no túmulo de Jesus para garantir que nada disso acontecesse. Curiosamente, esses indivíduos chamaram Jesus de "farsante" ou "mentiroso", usando a mesma palavra grega (*planos*) para descrever "aquele que engana por sedução mediante poderes malignos ou espíritos". Essa mesma palavra foi usada na antiga literatura e escrituras judaicas e cristãs para descrever Satanás, demônios e falsos profetas, especialmente aqueles que realizavam milagres como "levantar montanhas, agitar o mar e ressuscitar os mortos".⁸

Por fim, considerar o julgamento de Jesus sob o contexto do medo de poderes demoníacos também ajuda a "explicar os enigmas legais da crucificação e a falta de formalidades legais". Afinal, como o próprio Novo Testamento testifica, "a forma normal de execução por blasfêmia sob a lei judaica era o apedrejamento; e várias vezes as pessoas pegavam pedras considerando apedrejar Jesus por blasfêmia".⁹ No entanto, graças à descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, "os estudiosos agora reconhecem que pendurar em uma árvore (ou crucificação) poderia servir nos dias de Jesus [...] como um modo de execução sob a lei judaica vigente".¹⁰

Da mesma forma, tal método de execução era usado apenas um século antes da época de Jesus. Naquele caso notório, "oitenta bruxas foram enforcadas ou crucificadas em Ashkelon sem julgamento adequado porque o tribunal considerou o assunto uma questão de emergência". Embora os escritores talmúdicos posteriores tenham condenado esse julgamento como um ato ilegal de um tribunal perverso, esse caso é importante para mostrar que julgamentos apressados (mesmo inexistentes) foram realizados por líderes judeus assustados, resultando na crucificação do

condenado.¹¹ O Julgamento e execução apressados de Jesus espelha este evento.¹²

O porquê

À medida que as provações de Jesus avançavam durante a noite, o medo parecia se instalar em todas as frentes. Os próprios discípulos de Jesus fugiram do Getsêmani, e Pedro — talvez por medo — negou sua associação a Jesus enquanto era implacavelmente interrogado pelos servos do Sumo Sacerdote.¹³ Até mesmo Pilatos e Herodes demonstraram medo em algum momento durante este julgamento: Pilatos, que já temia um tumulto violento, recebeu advertências de sua esposa por causa dos sonhos que ela tivera com Jesus (ver Mateus 27:19, 24). Herodes, da mesma forma, pode ter inicialmente ficado com medo do poder milagroso de Jesus, assim como ele temeu João Batista e a multidão que o seguia (Mateus 14:5; Marcos 6:20).

É tristemente irônico que aquilo que provou tão claramente a divindade de Jesus — Suas obras boas e milagrosas — tenha sido tão influente em Seu martírio. Os temores multifacetados dos governantes judeus os cegaram para discernir a bondade e o poder de Deus manifestados por meio de Jesus Cristo. Eles eram muito orgulhosos, muito seguros de suas próprias conclusões e muito temerosos de perder seu poder, influência e controle.

Entretanto, esse não é o fim da história. Jesus não se deixou crucificar por causa desses medos equivocados, ao final, voluntariamente sacrificou-Se por nós: "[P]orque dou a minha vida, para tornar a tomá-la. Ninguém me tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou" (João 10:17-18). O sacrifício infinito e eterno de Jesus sempre foi o plano de Deus, o que nos permite superar todos os nossos medos quando nos voltamos para Ele.

"Não há temor no amor", escreveu o apóstolo João, "antes o perfeito amor lança fora o temor" (1 João 4:18). O puro amor de Cristo é manifesto a todos os filhos de Deus e nos ajuda a superar nossos medos, preocupações e ansiedades. Esses medos que nos detêm podem ser substituídos pela fé, permitindo-nos que "[c]heguemos [...] com confiança ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia", que está disponível para nós através do sofrimento, morte e ressurreição de Cristo (Hebreus 4:16).

Leitura Complementar

John W. Welch, "Miracles, Maleficium, and Maiestas in the Trial of Jesus", em *Jesus and Archaeology*, ed. James H. Charlesworth (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2006), pp. 349–383.

John W. Welch, "The Legal Cause of Action Against Jesus in John 18:29–30", em *Celebrating Easter: The 2006 BYU Easter Conference*, ed. Thomas A. Wayment e Keith J. Wilson (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University), pp. 157–175.

John W. Welch, "The Factor of Fear in the Trial of Jesus", em *Jesus Christ: Son of God, Savior*, ed. Paul H. Peterson, Gary L. Hatch e Laura D. Card (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University; Salt Lake City, UT: Deseret Book, 2002), pp. 284–312.

Bernard S. Jackson, "The Trials of Jesus and Jeremiah", *BYU Studies Quarterly* 32, no. 4 (1992): pp. 63–77.



© Central do Livro de Mórmon, 2023

Notas de rodapé

1. John W. Welch, "The Factor of Fear in the Trial of Jesus", em *Jesus Christ: Son of God, Savior*, ed. Paul H. Peterson, Gary L. Hatch e Laura D. Card (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University; Salt Lake City, UT: Deseret Book, 2002), p. 286.
2. Ver Welch, "Factor of Fear", pp. 288–289.
3. Welch, "Factor of Fear", pp. 285, 297.
4. Welch, "Factor of Fear", p. 299.
5. John W. Welch, "Miracles, Maleficium, and Maiestas in the Trial of Jesus", em *Jesus and Archaeology*, ed. James H. Charlesworth (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2006), p. 350.
6. Welch, "Miracles, Maleficium, and Maiestas", pp. 369–370.
7. Welch, "Miracles, Maleficium, and Maiestas", p. 370.
8. Welch, "Factor of Fear", p. 301; cf. Welch, "Miracles, Maleficium, and Maiestas", p. 364.
9. Welch, "Factor of Fear", p. 306, citando João 8:59; cf. Welch, "Miracles, Maleficium, and Maiestas", p. 381.
10. Welch, "Factor of Fear", p. 307; cf. Welch, "Miracles, Maleficium, and Maiestas", pp. 381–382.
11. Welch, "Factor of Fear", p. 307; cf. Welch, "Miracles,

Maleficium, and Maiestas", p. 382.

12. A ideia de que Jesus era um milagreiro ilícito é tão proeminente que persiste até hoje. Aqueles que afirmam isso hoje muitas vezes interpretam mal os poderes divinos e o sacerdócio de Jesus e, da mesma forma, interpretam mal os relatos nos evangelhos da vida de Jesus, bem como as primeiras representações cristãs de Jesus. Para respostas breves a essas afirmações de que Jesus não era nada mais do que um mago, consulte Barry Crawford, "Review of *Jesus the Magician* by Morton Smith", *Journal of the American Academy of Religion* 47, no. 2 (1979): pp. 321–322; Lee M. Jefferson, "Jesus the Magician? Why Jesus Holds a Wand in Early Christian Art", *Biblical Archaeology Review* 46, no. 4 (2020): pp. 41–47.

13. Consulte o artigo da Central do Livro de Mórmon, "Por que Pedro negou conhecer Jesus? (Mateus 26:34)", *KnoWhy* 673 (1 de junho de 2023).